



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Brasil

Ribas Ferreira Paes, Adriana; Moura, Maria Lucia Seidl de; Ribas Junior de Castro, Rodolfo

Responsividade materna: levantamento bibliográfico e discussão conceitual

Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 16, núm. 1, 2003, pp. 137-145

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18816114>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

## Responsividade Materna: Levantamento Bibliográfico e Discussão

Adriana F. Paes Ribas<sup>1,2</sup>

Maria Lucia Seidl de Moura

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Rodolfo de Castro Ribas Junior

Universidade Federal do Rio de Janeiro

### Resumo

O presente artigo tem dois objetivos principais: fornecer um panorama das pesquisas sobre responsividade materna e criticamente este conceito. Foi realizada uma busca sistemática em uma base de dados bibliográficos internacionais (baseado no sistema de classificação da APA). Os registros de artigos publicados entre 1967 e 2001, que continham qualquer um dos cinco termos-chave (e.g. maternal responsiveness) foram sistematicamente identificados, analisados e classificados. Ao todo foram identificadas 231 pesquisas. Foram realizadas buscas em duas bases de dados nacionais, onde cinco trabalhos foram identificados. As pesquisas identificadas são analisadas considerando diferentes aspectos (Ex.: enfoque, fundamento teórico, nível de análise, áreas de investigação). As conclusões apontam, principalmente, para três questões: 1) a necessidade de se considerar variáveis como suporte social e variações culturais; 2) possível integração do tema à abordagem sociocultural; 3) a necessidade de se expandir as pesquisas brasileiras sobre o tema.

*Palavras-chave:* Responsividade materna; sensitividade; interação mãe-bebê.

**Maternal Responsiveness: A Review of the Literature and a Conceptual Discussion**

### Abstract

The present article had two main objectives: To supply an overview of the research on maternal responsiveness and to critically discuss the concept of maternal responsiveness. A systematic search on an international bibliographic database (based on the classification system of the APA) was conducted. Records of articles published between 1967 and 2001, that contained any of the five key phrases (e.g. maternal responsiveness), were systematically identified and analyzed. A total of 231 researches were identified. Systematic searches on two Brazilian databases were also conducted and five works were identified. The researches identified are analyzed taking into account different aspects (e.g. approaches, theoretical basis, level of analysis, research areas). The conclusions point to three issues: 1) the necessity to account for variables such as social support and cultural variations; 2) the possible integration of this theme into the sociocultural approach; 3) the necessity to expand the researches on maternal responsiveness.

*Keywords:* Maternal responsiveness; sensitivity; mother-infant interaction.

A relevância do conceito de responsividade para a Psicologia tem sido destacada, em especial nos estudos sobre desenvolvimento infantil, por diversos autores como Bornstein e Lamb (1992), Bornstein e Tamis-LeMonda (1997), Wakschlag e Hans (1999). O interesse pelo tema *responsividade materna* deriva, em parte, do fato de diversas teorias psicológicas incluírem em seus pressupostos ou for-

1989), constituindo-se como uma teoria da interação mãe-criança.

Este artigo tem como objetivo fornecer um panorama das pesquisas que focalizam a responsividade materna e discutir criticamente este conceito, considerando diferentes aspectos (enfoque, fundamento teórico, nível de análise, áreas de investigação e articulação com outras teorias). A discussão parte de dados de extensiva revisão bibliográfica.

necessidade da realização de pesquisas brasileiras sobre responsividade.

### Método

Foram realizadas buscas sistemáticas em importantes bases de dados bibliográficos nacionais e internacionais em Psicologia. Foi inicialmente realizada uma busca no *PsycInfo*, a base de dados *on-line* da *American Psychological Association* (APA). Foram consideradas cinco expressões: *maternal responsiveness*, *mother responsiveness*, *mother's responsiveness*, *mother sensitive response*, *maternal sensitive responsiveness*. Todos os registros de artigos publicados entre 1967 e 2001, que continham qualquer uma dessas expressões em qualquer um dos campos da base de dados (Ex.: título, *abstracts* ou palavras chave), foram identificados, armazenados e tratados. Foram ainda realizadas buscas em duas importantes bases de dados nacionais: o Prossiga do CNPq/SBPC/Academia Brasileira de Ciências e o Index Psi do Conselho Federal de Psicologia/ PUC-Campinas.

Os registros de todos os artigos foram analisados e classificados, entre outros aspectos, considerando: população estudada, assunto, variáveis relacionadas, periódico onde foi publicado o artigo. A presente análise se restringiu, basicamente, aos registros (título, *abstracts*, palavras-chave) de artigos obtidos nas bases de dados. Apenas um restrito número de artigos identificados será tratado aqui a partir de seu exame na íntegra.

### Resultados e Discussão

#### Publicações sobre responsividade: Uma avaliação quantitativa

Foram identificados registros de 231 artigos no *PsycInfo* relacionados a responsividade materna. As buscas nas bases de dados nacionais identificaram inicialmente cinco registros de artigos, entretanto, uma análise mais detalhada demonstrou que eram artigos duplicados, ficando

Tabela 1

*Distribuição de Artigos sobre Responsividade  
periódicos com Maiores Percentagens de Publicação*

Periódicos
Physiology and Behavior
Child Development
Developmental Psychobiology
Hormones and Behavior
Developmental Psychology
Infant Behavior and Development
Outros
Total

Considerando os periódicos onde foram publicados os artigos sobre responsividade materna, é interessante marcar que esse tema vem sendo estudado intensamente nos campos da psicologia do desenvolvimento e da psicobiologia. Uma análise das publicações sobre responsividade revelou, em concordância com a literatura anterior, dois grandes grupos de pesquisas. O grupo de pesquisas vem sendo conduzido, principalmente, buscando aspectos biológicos (Ex.: níveis de hormônios cerebrais, efeito de drogas) da responsividade materna. Por exemplo, a caracterização da responsividade materna em espécies animais (Fleming, 1989) e a determinação de efeitos significativos biológicos e de experiências (Fleming, 1989).

Do total de artigos identificados, 38% das pesquisas com animais e focalizaram, principalmente, a responsividade materna com as seguintes variáveis de hormônio, efeitos do contato ou da separação do filhote, lesões cerebrais, efeito de determinadas drogas. A Tabela 2 apresenta a distribuição dos artigos envolvendo animais considerando as variáveis estudas. O único artigo identificado entre os artigos nacionais tratava do efeito da separação da mãe sobre a responsividade em hamsters (Fleming, 1989).

**Tabela 2**  
*Distribuição de Artigos sobre Responsividade Envolvendo Animais, Considerando Aspectos Estudados*

Principais aspectos estudados	%
Níveis de hormônio	27,27
Efeitos do contato ou da separação mãe-filhote	26,14
Lesões cerebrais	9,09
Administração de drogas	9,09
Outros	28,41
Total	100

entre responsividade e status socioeconômico (SES), bem como contexto cultural (Bornstein & cols., 1992). Outros enfocam o poder preditor da responsividade em relação ao desenvolvimento cognitivo (Bornstein & Tamis-LeMonda, 1989) e emocional (Isabella, Belsky & Eye, 1989). Observou-se que os artigos focalizaram basicamente a relação entre a responsividade e as seguintes variáveis: desenvolvimento infantil (cognitivo, lingüístico e sócio-emocional), características da criança (Ex.: temperamento, obediência), características da mãe (Ex.: ansiedade, estresse, depressão, uso de drogas), apego e tipo de nascimento (Ex.: pré-termo, a termo). A Tabela 3 apresenta a distribuição de artigos envolvendo seres humanos considerando as principais variáveis estudadas.

**Tabela 3***Distribuição de Artigos sobre Responsividade Envolvendo Seres Humanos, Considerando Aspectos Estudados*

Principais aspectos estudados
Desenvolvimento infantil (cognitivo, lingüístico e sócio-emocional)
Características da criança (Ex.: temperamento, obediência)
Características da mãe (Ex.: ansiedade, estresse, depressão, uso de drogas)
Apego
Nascimento pré-termo
Outros
Total

Corter, 1997) enfoques orientados (Ex.: Kochanska, 1998), aquelas questões observadas neste processo cultural (Ex.: Richman, Miller, 1992) que investigam a responsividade, desenvolvimento e desordens de crianças de risco, procurando descrever (Ex.: Wakschlag & Hanczorik, 1992).

A teoria do apego tem sido o principal estudo sobre responsividade, com (1992). Neste levantamento, no entanto, das pesquisas na área com alguma generalização, é possível identificar que 12,59% dos artigos abordavam seres humanos relacionados ao apego.

Os estudos sobre interação entre responsividade e apego, tratam do conceito de responsividade, que é o resultado de comportamento específicos de responsividade ou de apego. O conceito de responsividade ou de apego justamente no ponto de vista da base para a formação do apego, que é o estabelecimento do senso de segurança, segundo Bee (1996) e Bretherton (1995). O apego depende da aceitação do bebê, que é a responsividade contingente dos pais, que é a responsividade - ou sensibilidade - de um adulto de cuidar do bebê.

descrita através do sistema de categorias de Ainsworth (1989) em apego seguro, apego inseguro evitante e apego inseguro ambivalente, considerando os padrões típicos de apego. Caso sejam levados em conta os casos atípicos de apego, esta classificação incluiria ainda os padrões: desorganizado/desorientado, evitante/ambivalente e instável-evitante, (ver Barnett & Vondra, 1999; Solomon & George, 1999; Waters & Valenzuela, 1999 sobre padrões de apego atípicos). A inclusão destes diferentes padrões acompanha a discussão da própria autora que destaca a existência de inúmeros padrões de apego inseguro (Ainsworth & Marvin, 1995).

Ainda que uma parte dos trabalhos identificados tenha relação com a teoria do apego, uma análise do levantamento bibliográfico permite afirmar que os trabalhos na área mostram enfoques diferenciados e que grande parte deles não mostra vinculação com teorias, sendo seus dados interpretados de forma desarticulada de qualquer referencial teórico.

Talvez por haver ainda uma falta de compreensão mais ampla acerca do conceito de responsividade, não se encontra uma definição consensual desse conceito. No entanto, do conjunto de definições de responsividade encontradas na literatura, alguns aspectos podem ser destacados. Bornstein e Tamis-LeMonda (1997) definem responsividade como comportamentos maternos contingentes, apropriados e imediatamente relacionados aos comportamentos das crianças. Bretherton (1992) trata de como as mães respondem apropriadamente, sensitivamente e prontamente aos sinais da criança. De forma similar, para Owens, Shaw e Vondra (1998) a responsividade é definida em termos de quão apropriados e contingentes aos comportamentos da criança são os comportamentos da mãe. Observa-se que nos três exemplos os autores (Bornstein & Tamis-LeMonda, 1997; Bretherton, 1992; Owens & cols., 1998) tratam da responsividade como comportamento materno que é *apropriado* e *contingente* (ou *imediatamente relacionado*) ao comportamento infantil. A definição de Burchinal, Follmer e Bryant (1996) é mais ampla e inclui a aceitação, o

darem responsividade e choro, definem levando em conta a prontidão do compa à reação de choro da criança.

Do ponto de vista do comportamento, existem diversas definições de responsividade envolvendo, duas dimensões, uma mais qualitativa e outra mais quantitativa. Na dimensão qualitativa são incluídas características como calor, proximidade, intimidade, em geral, a proximidade. Quanto à dimensão temporal, é considerada a duração da resposta.

Keller, Lohaus, Volker, Cappenberg, advertem que apesar de diferentes dimensões citadas acima, tem prevalecido a responsividade como uma organização de portamento parental. Estes autores apontam uma das questões que ainda está em aberto: a dimensão temporal e a dimensão afetiva (Eysenck, 1985). As crianças são dependentes ou independentes. Pode-se dizer que, segundo cols. (1999), esses componentes são relativamente independentes, já que não encontraram associações entre índices de contingência e sensitividade materna. A capacidade da mãe de reconhecer contingências no comportamento da criança pode depender de aspectos afetivos. A detecção pode ocorrer com níveis diferentes de intensidade, dependendo da natureza do afeto ou mesmo sem este afeto.

Outro aspecto relevante destacado por boradores (1999) é o de que esta provicia entre diferentes componentes do parental (neste caso, da responsividade) uma melhor compreensão das variações das diferenças interindividuais e de manter o comportamento parental consideradas disfunções.

Outra questão central que vem sendo debatida é a abrangência do conceito de responsividade. Um dos principais debates é se este conceito se refere exclusivamente à característica do comportamento materno ou se pode ser estendido para outras pessoas que cuidam das crianças.

relacionamento que transcendem as ações específicas, tal como o nível de gratificação do relacionamento). Esta afirmação deriva do que Martin (1989) chama de questão da contingência mútua, ou seja, não é possível avaliar as ações de uma pessoa de forma significativa em um sistema interpessoal sem que essas ações sejam vistas como respostas às ações prévias do parceiro ou como antecipações das respostas futuras dos parceiros.

De certa forma, ao discutir os estudos microanalíticos sobre a responsividade, Martin (1989) toca na questão da natureza interpessoal do conceito, na medida em que a sua avaliação é feita tendo como base a ação do outro. Pode-se dizer que os estudos sobre responsividade materna (ainda que recebam o nome *materna*) tratam, na verdade, de uma responsividade interpessoal, já que este conceito é analisado em termos da relação entre comportamentos dos dois sujeitos em interação (Martin, 1989). De fato, os estudos sobre responsividade têm focalizado em que medida as ações de uma pessoa durante a interação dependem das ações da outra pessoa, e se mostram apropriadas em conteúdo, *timing* e intensidade. As variáveis destas duas pessoas mostram a natureza contingente da responsividade. Assim, embora uma pessoa (Ex.: a mãe) possa ser julgada responsiva neste tipo de análise, o conceito de responsividade se refere à esfera interpessoal, ou seja, à interface das ações dos parceiros na situação interacional, que se dá situada em um determinado contexto cultural.

Seifer e Schiler (1995), utilizando o termo *sensitividade* com uma definição praticamente idêntica à definição de responsividade descrita anteriormente, destacam que a sensitividade é um conceito amplo e multidimensional na medida em que está relacionado a diferentes componentes, tais como o temperamento da criança e as diferenças individuais dos pais. A questão ressaltada por estes autores é a de que este conceito nem sempre tem sido tratado desta forma por pesquisadores da área. Estes autores partem do referencial teórico específico da teoria do apego e destacam, assim como Martin (1989), que este conceito

ção com características individualidade, estresse, depressão e uso

## Níveis de Análise

Diretamente relacionada à responsividade, está a questão do conceito de responsividade que, segundo Martin (1989), pode variar de nível molecular. O nível de análise molecular, que se estabelece em seqüências específicas de interação interpessoal, nas quais as ações são examinadas em uma seqüência (pelo menos em parte) das ações. Este enfoque segue o de diversos autores que falam sobre interação adulto- bebê (Belsky, 1979; Belsky, Gilstrap & Rovine, 1983).

Já as variáveis de relacionamento, que se dão a nível de um nível de análise molar, não são sempre ou investigadas em seqüência. Segundo Martin (1989) elas se referem ao relacionamento que transcende as esferas específicas. Conceitos como o de responsividade, ordenação interpessoal, respeito e consideração no relacionamento são exemplos que podem ser usados para exemplificar o nível molar.

Essa discussão deixa claro o quanto o conceito de responsividade é amplo, que tanto no nível molar como no nível de análise molecular, é necessário considerar o comportamento específico e não só a natureza da interação. Na tentativa de se verificar a natureza da responsividade no desenvolvimento da criança, a responsividade é muitas vezes tratada como uma dimensão que pode ser considerada em uma matriz de interação entre a natureza da interação e a natureza da responsividade. Uma discussão mais ampla sobre a natureza da responsividade e suas implicações para o desenvolvimento da criança é feita por Martin (1989).

Essas considerações se baseiam na constatação, a partir do levantamento bibliográfico, de que um outro aspecto da responsividade é o interesse dos pesquisadores interessados na natureza da responsividade e suas implicações para o desenvolvimento da criança.

e Tamis-LeMonda (1989), um cuidador responsivo pode promover uma autoregulação da criança, o que pode trazer para ela sentimentos de controle e autoeficácia, contribuindo para a competência e desempenho posterior da criança. A responsividade do cuidador pode ainda fortalecer a motivação da criança para adquirir informação ou para persistir e, possivelmente, resolver problemas com sucesso. Keller e colaboradores (1999) destacam como a experiência de contingência permite que a criança desenvolva expectativas que favorecem a autopercepção como um agente causal.

Como foi apontado inicialmente, deve-se ressaltar a relação comumente investigada entre responsividade materna e diferentes aspectos do desenvolvimento infantil conduzidas por diversos autores (Ex.: Bornstein & Tamis-LeMonda, 1989; Bornstein & Tamis-LeMonda, 1997; Tamis-LeMonda, Bornstein, Baumwell & Damast, 1996).

Neste aspecto, pelo menos duas questões devem merecer destaque. A primeira delas é se a responsividade materna (avaliada de modo geral) teria implicações sobre o desenvolvimento da criança de modo global ou sobre domínios específicos. Bornstein e Tamis-LeMonda (1997) apontam que um alto nível de responsividade materna de modo global possivelmente não prediz altas habilidades das crianças em todas as áreas. Parecem existir relações, entretanto, entre tipos de responsividade (Ex.: responsividade em relação a comportamentos com estresse ou responsividade em relação a comportamentos sem estresse) e competências específicas da criança (Ex.: atenção, brincadeira).

Outra questão é a de se a responsividade materna tem implicações sobre o desenvolvimento da criança direta ou indiretamente. Uma concepção da relação direta seria, segundo Bornstein e Tamis-LeMonda (1997), baseada na idéia de que a resposta contingente da mãe traz para a criança um sentido de que seu comportamento leva a modificações no ambiente, o que levaria a um melhor controle e interação com o ambiente. A concepção da relação indireta seria baseada na hipótese da segurança, defendida por Ainsworth (1973), que sugere que a responsividade

multidimensional, e para hipotetizar algumas relações com o desenvolvimento infantil, tanto uma articulação com a abordagem socioambiental quanto tentar vincular a compreensão da responsividade a uma perspectiva teórica centrada no estudo do desenvolvimento enquanto um processo em que as relações são consideradas como fator constitutivo (Chavajay, 1995; Wertsch, Del Rio & Alvarez, 1998).

Pelo próprio fato desta abordagem não se limita a uma teoria, mas em um conjunto de diferentes autores, conceitos e modelagens que, embora tratados de modo separado, podem ser relevantes para a compreensão do desenvolvimento infantil. Nesse sentido, podem ser citados o modelo de Bronfenbrenner (1998), a noção de desenvolvimento de Harkness e Super (1994), as etnometorias parentais (Harkness & Super, 1994), as normas de sucesso (Ogbu, 1981), entre outros. De modo geral, todos estes autores têm tentado integrar as relações entre o contexto ecológico, cultura e desenvolvimento e comportamento humano.

O modelo ecológico (Bronfenbrenner, 1998) é uma teoria utilizada para estudar o desenvolvimento humano de modo integrado a diferentes esferas do ambiente. Assinalam Collins, Maccoby, Steinberg e Hinde (1992) que as famílias são vistas como influência importante na vida das crianças, mas o efeito delas pode ser entendido em vista à luz da influência simultânea das esferas social e cultural. As interações ocorrem dentro de contextos maiores, como a cultura, a zinhança, contexto cultural, época histórica, entre outros, que moderam o efeito da família. A perspectiva ecológica não somente enfatiza o potencial significativo das relações extra familiares sobre o desenvolvimento infantil, mas também é mais importante, reforça a importância das relações entre a família e outras influências.

O conceito de *nicho de desenvolvimento* (Harkness & Super, 1994), relaciona a criança com o ambiente como um sistema interativo. Esse sistema é composto por sub-sistemas: o ambiente físico e social em que a criança vive, a cultura, a época histórica, entre outros.

Como assinalam Bronfenbrenner (1998) e Harkness e Super (1994) as crianças se desenvolvem participando simultaneamente de diferentes sistemas. Supõe-se que mudanças e/ou características destes sistemas (Ex.: a família) estão relacionadas com as práticas parentais. Em contraste com esses pressupostos, o levantamento realizado mostrou que apenas 6,29% das publicações sobre sujeitos humanos investigam variáveis como suporte social, estrutura familiar, nível educacional e variações culturais relacionando-as à responsividade materna. Com base no argumento de que as investigações sobre comportamento parental e desenvolvimento infantil devem levar em conta não só as pessoas envolvidas, mas a organização do ambiente, do contexto na qual elas estão inseridas, a necessidade de considerar estas variáveis parece evidente.

Burchinal e colaboradores (1996), por exemplo, procuram investigar o contexto de desenvolvimento avaliando a relação entre suporte social e responsividade. Define-se como suporte social tanto a ajuda direta recebida por parte de outro adulto (Ex.: cuidado da criança) quanto a ajuda indireta (Ex.: informação ou modelo no exercício da prática parental). Estas autoras consideram que o suporte social pode ter uma relação com os estilos de *parenting*, inclusive com a responsividade materna, por, pelo menos, duas razões. Uma delas é que os membros que fornecem suporte podem atuar no sentido de encorajar ou estimular os pais no exercício de seu papel e a outra é que o suporte social pode reduzir o stress dos pais e, consequentemente, o impacto do stress sobre as formas de cuidado e interação com as crianças.

Além dos autores citados e suas abordagens que se enquadram na perspectiva mais ampla que Rogoff e Chavajay (1995) denominam de sociocultural, a psicologia transcultural, como assinalam Dasen e Mishra (2000), tem também procurado entender culturas como diferentes contextos para o desenvolvimento e discutir os comportamentos e práticas como adaptativos a estes diferentes contextos. Esses autores propõem a integração de duas tendências: a abordagem sociocultural e a abordagem transcultural. Para elas, a Cultura é o resultado de processos de socialização e de aprendizado social, que se dão no contexto de interação entre os indivíduos e o ambiente social.

Weisz, Pott, Miyake & Morelli, Ijzendoorn & Sagi, 2001).

Diversos autores têm publicado estudos que investigam as variações culturais relacionadas à responsividade materna. Por exemplo, Bornstein e colleagues (1992) encontraram variações entre mães norte-americanas e japonesas, no que se refere a responsividade materna. Tal e Baras (1995) têm realizado levantamentos de responsividade materna em diferentes países, como: França, Itália, Israel, Leyendecker, Lamb, et al. (1995) têm realizado investigações na Austrália. Burchinal e colaboradores (1992) têm investigado variações transculturais entre países da África Subsaariana e África do Sul.

Segundo Bornstein e Lamb (1992), existem diferenças entre países que investigam diferentes aspectos da responsividade materna. O conhecimento sobre desenvolvimento infantil e responsividade materna da criança deriva de estudos realizados em países de diferentes culturas e famílias de classe média. De acordo com Bornstein (comunicação pessoal, 2000), 95% das crianças do mundo todo vivem em países que não aparecem na literatura sobre desenvolvimento infantil.

Os trabalhos identificados na literatura internacional e de dados nacionais foram escassos e pouco expressivo. Outro levantamento realizado no PsycLit, mostrou que os artigos brasileiros sobre desenvolvimento infantil entre 1974 e 1996 (indexados no PsycLit) menos de 5% focalizavam o tema responsividade materna (Silveira & Ribas, 2000).

## Considerações Finais

O tema responsividade materna é pouco explorado por pesquisadores, com enfoque na América Latina, e com abordagens diversificadas. A responsividade materna é um conceito complexo que envolve a interação entre o ambiente social e o ambiente familiar. A responsividade materna é um conceito complexo que envolve a interação entre o ambiente social e o ambiente familiar. A responsividade materna é um conceito complexo que envolve a interação entre o ambiente social e o ambiente familiar. A responsividade materna é um conceito complexo que envolve a interação entre o ambiente social e o ambiente familiar.

na como uma característica das interações adulto-criança que tem origens e influências múltiplas e que precisa ser investigada levando-se em conta um sistema amplo de referência e variáveis associadas.

Parece razoável afirmar que a integração do estudo da responsividade materna à abordagem sociocultural é possível, necessária e se mostra como um desafio para os pesquisadores na área. As pesquisas sobre este tema ainda carecem de considerar aspectos como suporte social, estrutura familiar, nível educacional e variações culturais. A investigação sobre responsividade ganha sentido quando integrada à compreensão de outros componentes do sistema, tais como as práticas da cultura, as etnóteorias que guiam o comportamento dos pais enquanto eles cuidam de seus filhos, etc. Assim, considerar o ambiente social no qual a família está inserida, ou seja, compreender os diferentes *nichos de desenvolvimento* que envolvem a criação das crianças pode trazer elementos significativos para a discussão.

Pode-se apontar, ainda, para a necessidade da realização de pesquisas brasileiras sobre o tema, uma vez que parece que ele não vem sendo significativamente explorado no âmbito da pesquisa nacional. Neste sentido, a realização de pesquisas brasileiras pode ser útil e produtiva, revelando informações sobre amostras da população brasileira relevantes para estudos subseqüentes na área e, ao mesmo tempo, gerando dados passíveis de serem discutidos comparativa e criticamente em relação aos estudos internacionais.

## Referências

- Ainsworth, M. D. S. (1989). Attachments beyond infancy. *American Psychologist*, 44, 709-716.
- Ainsworth, M. D. S. & Marvin, R. S. (1995). On the shaping of attachment theory and research: An interview with Mary D. S. Ainsworth (Fall 1994). *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 60(2, 3, Serial No. 244).
- Als, H., Tronick, E. & Brazelton, T. B. (1979). Analysis of face-to-face interaction in infant-adult dyads. Em M. E. Lamb, S. J. Suomi & G. R. Stephenson (Orgs.), *Social interaction analysis: Methodological issues* (pp. 20-75). N.Y.: Academic Press.

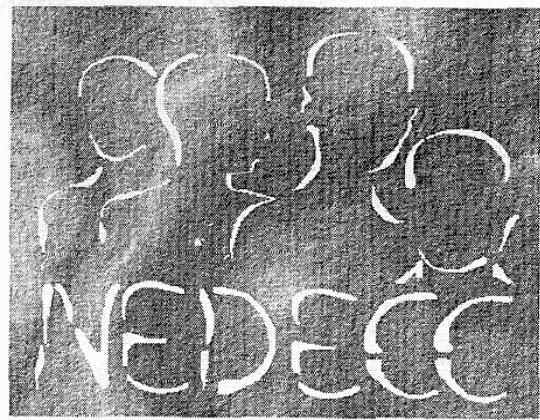
- Bornstein, M. H. & Lamb, M. E. (1992). *Development in context*. New York: McGraw-Hill.
- Bornstein, M. H., Maital, S. L., Tal, J. & Baras, R. (1991). Maternal responsiveness and infant mental abilities: A cross-cultural study. *International Journal of Behavioral Development*, 15, 231-246.
- Bornstein, M. H. & Tamis-LeMonda, C. S. (1989). Maternal responsiveness and cognitive development in children. Em M. H. Bornstein (Org.), *Maternal responsiveness: Characteristics and consequences*. New York: Jossey-Bass.
- Bornstein, M. H. & Tamis-LeMonda, C. S. (1997). Maternal responsiveness and infant mental abilities: Specific predictive relations. *Child Development*, 68, 283-296.
- Bornstein, M. H., Tamis-LeMonda, C. S., Tal, J., Lerner, R. M. & Rahn, C. W. (1992). Maternal responsiveness to infants in three societies: The United States, Israel, and Japan. *Child Development*, 63, 808-821.
- Bretherton, I. (1992). The origins of attachment theory: Mary Ainsworth. *Developmental Psychology*, 28, 759-775.
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento: ambientes naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Burchinal, M., Follmer, A. & Bryant, D. (1996). The relationship between social support and family structure with maternal and child outcomes among African American mothers. *American Journal of Orthopsychiatry*, 66, 1073-1083.
- Chao, R. (2001). Integrating culture and attachment theory. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 31, 822-823.
- Collins, W. A., Maccoby, E. E., Steinberg, L. & Booth, C. (1992). Contemporary research on parenting. *American Psychologist*, 47, 232-233.
- Dasen, P. R. & Mishra, R. C. (2000). Cross-cultural perspectives on child development in the third millennium. *International Journal of Behavioral Development*, 24, 429-434.
- Fleming, A. S. (1989). Maternal responsiveness and child outcomes in mothers. Em M. H. Bornstein (Org.), *Maternal responsiveness: Characteristics and consequences* (pp. 31-48). San Francisco: Jossey-Bass.
- Fleming, A., Steiner, M. & Corter, C. (1997). Cortisol and maternal responsiveness in human mothers. *Hormones and Behavior*, 32, 98-102.
- Gjerde, P. F. (2001). Attachment, culture, and American mothers. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 31, 824-827.
- Harkness, S. & Super, C. M. (1992). Parental ethnotheories. Em E. Sigel, A. V. McGillicuddy-DeLisi & J. J. Goode (Orgs.), *Parenting across cultures: The psychological consequences for children and parents*. Greenwich, CT: JAI Press.
- Harkness, S. & Super, C. M. (1994). Developmental framework for analyzing the household production of children. *Journal of Marriage and the Family*, 38, 219-226.
- Hubbard, F. Q. & Van-IJzendoorn, M. H. (1991). Maternal responsiveness and infant crying across the first 9 months: A cross-cultural study. *Infant Behavior and Development*, 14, 299-314.

- Ogbu, J. (1981). Origins of human competence: A cultural-ecological perspective. *Child Development*, 52, 413-429.
- Owens, E. B., Shaw, D. S. & Vondra, J. I. (1998). Relations between infant irritability and maternal responsiveness in low-income families. *Infant Behavior-and-Development*, 21, 761-777.
- Posada, G. & Jacobs, A. (2001). Child-mother attachment relationships and culture. *American Psychologist*, 56, 821-822.
- Richman, A. L., Miller, P. M. & LeVine, R. A. (1992). Cultural and educational variations in maternal responsiveness. *Developmental Psychology*, 28, 614-621.
- Rogoff, B. & Chavajay, P. (1995). What's become of research on the cultural basis of cognitive development. *American Psychologist*, 50, 859-877.
- Rosenblatt, J.S. (1989) The physiological and evolutionary background of maternal responsiveness. Em. M. H. Bornstein (Org.), *Maternal responsiveness: Characteristics and consequences* (pp. 15-30). San Francisco: Jossey-Bass.
- Rothbaum, F., Weisz, J., Pott, M., Miyake, K. & Morelli, G. (2000). Attachment and culture: Secutiry in the United States and Japan. *American Psychologist*, 55, 1093-1104.
- Rothbaum, F., Weisz, J., Pott, M., Miyake, K. & Morelli, G. (2001). Deeper into attachment and culture. *American Psychologist*, 56, 827-828.
- Sagi, A. (2001). Cultural blindness or selective inattention? *American Psychologist*, 56, 824-825.
- Seidl Moura, M. L., Ribas, R. C. Jr & Ribas, A. F. P. (2000). Brazilian Psychological Research on Infant Development (1974-1996). Em XVI Biennial Meetings of ISSBD [Resumos]. Beijung, 1, 142.
- Seifer, R. & Schiler, M. (1995). The role of parenting sensitivity, infant temperament, and dyadic interaction in attachment theory and assessment. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 60 (2, 3, Serial No. 244).
- Solomon, J. & George, C. (1999). The place of attachment in developmental theory: Linking classic observational research to contemporary theory. Em. J. Solomon & C. George (Orgs.), *Handbook of attachment* (pp. 33-63). New York: Guilford Press.
- Tamis-LeMonda, C., S., Bornstein, M., & Kopp, A. (1993). The effects of responsive parenting in the second year on children's language and play. *Early Development and Behavior*, 18, 179-183.
- Van IJzendoorn, M & Sagi, A. (2001). How universal is the importance of attachment? *American Psychologist*, 56, 829-830.
- Wakschlag, L. S. & Hans, S. L. (1999). Individual and environmental risk factors during infancy to the development of antisocial behavior in high-risk youths. *Developmental Psychology*, 35, 112-123.
- Waters, E. & Valenzuela, M. (1999). Early attachment and language development in Chile. Em J. Solomon & C. George (Orgs.), *Handbook of attachment* (pp. 265-290). New York: Guilford Press.
- Wertsch, J.V., Del Rio, P. & Alvarez, M. (1993). The concept of culture in the study of children's communication. Em J. V. Wertsch, M. Alvarez & M. Medeiros (Orgs.), *Estudos socioculturais da mente e da ação* (pp. 1-20). Rio de Janeiro: Ed. da UERJ.
- Wertsch, J.V., Del Rio, P. & Alvarez, M. (1993). The concept of culture in the study of children's communication. Em J. V. Wertsch, M. Alvarez & M. Medeiros (Orgs.), *Estudos socioculturais da mente e da ação* (pp. 1-20). Rio de Janeiro: Ed. da UERJ.

#### Sobre os autores

**Adriana F. Paes Ribas** é Psicóloga, Professora da Universidade Estácio de Sá, Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Sub-coordenadora do Projeto de Pesquisa: Intereração mãe-bebê e desenvolvimento infantil: Um estudo longitudinal e transcultural, desenvolvido na UERJ.

**Maria Lucia Seidl de Moura** é Psicóloga, Doutora em Psicologia Cognitiva pela Fundação Getúlio



**NÚCLEO DE  
ESTUDOS SOBRE DESENVOLVIMENTO  
COMUNITÁRIO E CIDADANIA**

*A proposta do NEDECC é propiciar espaço para produção  
de conhecimentos na área de desenvolvimento social  
comunitário e cidadania, integrando ações à prática.*

**Endereço**

**NEDECC/CPE-RUA/UFRGS**